

Mar Vermelho na “Arqueologia” de Ron Wyatt

“Desviarão seus ouvidos da verdade e os orientarão para as fábulas” (2Tm 4,4).

Cada vez mais tomamos consciência de que devemos pedir a Deus que nos mande o maior castigo (arder no “mármore do inferno?”), mas não permita que nos transformemos num fanático religioso. Esse tipo de gente se abdicou de usar a inteligência para aceitar como verdade tudo quanto relata a Bíblia. Não fazem a menor questão de questionar seus disparates científicos, suas muitas contradições; para eles continua valendo o “creio, ainda que absurdo”.

Recebemos um e-mail no qual um internauta nos apresenta “provas” de que o milagre realizado por Moisés em “abrir” o Mar Vermelho realmente aconteceu, visando refutar o nosso texto [“Mar Vermelho: a travessia que não existiu”](#). A base para sustentar isso é um arquivo em PPS intitulado “A travessia do Mar Vermelho – Investigação arqueológica Wyatt”, com nove slides, sem qualquer identificação do autor, apenas com a informação de que foi traduzido do espanhol: El Cruce del Mar Rojo Investigación Arqueológica Wyatt.

Vejamos quem é Wyatt, que lhe serve de apoio:

Ronald Eldon Wyatt (1933 - 4 de agosto de 1999) foi um arqueólogo amador contestado por suas supostas descobertas arqueológicas à respeito de localidades bíblicas. Contudo, o único objeto arqueológico aceito ter pertencido ao templo de Salomão, o “Pomo de Marfim”, foi encontrado por ele. Entretanto, ele afirmava ter encontrado a verdadeira Arca de Noé, a Rota do Êxodo e as cidades de Sodoma e Gomorra. (WIKIPÉDIA) (grifo nosso).

Pelo que se vê, faltam-lhe credenciais técnicas para se lançar a uma arqueologia séria; como “amador” não possuía *know-how* para ser levado em conta, o que, provavelmente, foi um dos motivos pelos quais nunca foi reconhecido pelos especialistas da área; certamente, que um outro está a ele relacionado: sua crença religiosa.

Num outro site, encontramos:

Quem foi Ron Wyatt?

Ron Wyatt faleceu, infelizmente, em 4 de agosto de 1999 num hospital do Memphis (Estados Unidos) depois de batalhar contra o câncer por vários meses. Esteve rodeado por sua família e amigos durante suas horas finais, e dormiu em Jesus às 5:41 da manhã.

Ron Wyatt era Adventista do Sétimo Dia e ficou famoso por seu descobrimento da Arca de Noé, no sítio do navio encontrado na Região do Monte Ararat da Turquia, a muitos pés acima do nível do mar. Através dos anos, Ron continuou escavando distintos sítios arqueológicos, que atestam que as histórias narradas no Antigo e Novo Testamento da Bíblia são verdadeiras.

Entre seus achados figuram o descobrimento dos restos da Sodoma e Gomorra; o lugar do cruzamento dos israelitas pelo Mar Vermelho durante o êxodo, apoiado com um vídeo que mostra partes de carruagens do exército do Faraó sob o mar, e colunas eretas pelo rei Salomão, 400 anos depois, para comemorar o feito. O verdadeiro Monte Sinai, com a rocha que Moisés partiu para que fluísse a água, quando os israelitas estiveram a ponto de morrer de sede, além de outras 19 referências do monte Sinai, que se nomeiam na Bíblia.

Uma de suas últimas escavações levou Ron Wyatt a descobrir a Arca do Concerto, que está relacionada ao verdadeiro lugar da crucificação de Cristo. Este descobrimento incluía a surpreendente descoberta de sangue seco, que quando foi analisado, resultou ser como nenhum outro sangue encontrado jamais nesta terra... O sangue do próprio Filho de Deus!

(Fonte: http://www.adventistas.com/agosto2003/arca_concerto.htm) (grifo

nosso).

Caso fossem verdadeiras essas suas descobertas, ele seria, indubitavelmente, mesmo na sua condição de simples amador, um dos mais consagrados arqueólogos do seu século.

Seria interessante que colocássemos alguma coisa sobre o que as recentes descobertas da Arqueologia nos têm desvendado:

[...] seus achados revolucionaram o estudo do antigo Israel e jogaram sérias dúvidas sobre as bases históricas de muitas narrativas bíblicas, como as peregrinações dos patriarcas, o êxodo do Egito e a conquista de Canaã, e o glorioso império de Davi e Salomão.

[...] agora é evidente que muitos eventos da história bíblica não aconteceram numa determinada era ou da maneira como foram descritos. Alguns dos eventos famosos da Bíblia jamais aconteceram inteiramente. (FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 14-16 – passim). (grifo nosso)

Essas informações temos de Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman, dois dos principais arqueólogos em atividade. Finkelstein é diretor do Instituto de Arqueologia Sonia e Marco Nadler, da Universidade de Tel Aviv, em Israel e Silberman é diretor de interpretação histórica do Centro Ename de Arqueologia Pública e Apresentação do Legado Histórico, na Bélgica, além de contribuir regularmente como editor para a revista *Archaeology*, conforme podemos ler na capa do livro *A Bíblia não tinha razão*.

Vejamos os textos que constam de alguns dos slides sobre a “investigação arqueológica” de Wyatt:

Slide 2:

Depois de investigar sobre a rota que os israelitas tinham tomado no Êxodo do Egito, Ron Wyatt encontrou que, a descrição bíblica concorda perfeitamente com um barranco profundo chamado Wadi Watir. O livro de Êxodo explica como Deus conduziu os filhos de Israel, *“Deus não os guiou pelo caminho dos filisteus, só porque era perto... Deus fez por isso o povo dar volta pelo caminho do ermo do Mar Vermelho”*. (Êxodo 13:17,18). Aqui encontramos uma área extensa, aberta do deserto. Então em Êxodo 14:1,2 Deus disse que deram a volta afastando-se do caminho, na qual encontrou Ron e Ihe conduziu a um barranco conhecido hoje como Wadi Watir. A Bíblia registra a reação de Faraó quando Ihe informaram que haviam desviado do caminho, (Êxodo 14:3), *“Estão vagueando em confusão pelo país. O ermo os encerrou”*, Wadi Watir é um barranco profundo largo que concorda com esta descrição perfeitamente.

Leiamos a transcrição do texto bíblico, para evitar confusão:

Ex 13,17-18: *“Quando o Faraó deixou o povo partir, Deus não o guiou pelo caminho da Palestina, que é o mais curto, porque Deus achou que, diante dos ataques, o povo se arrependeria e voltaria para o Egito. Então Deus fez o povo dar uma volta pelo deserto até o Mar Vermelho. Os filhos de Israel saíram do Egito bem armados”*.

O primeiro problema que nos surge, conforme já o dissemos alhures, é saber qual foi o verdadeiro motivo pelo qual os hebreus saíram do Egito:

- a) foram expulsos (Ex 12,39);
- b) o Faraó os deixou partir (Ex 13,17); ou
- c) fugiram do Egito (Ex 14,5)?

Se estivéssemos numa prova, para testar nosso conhecimento, certamente que teríamos mais esta opção: “d) todas as alternativas são verdadeiras”, a que deveria ser marcada como correta.

Considerando que o Faraó saiu ao encalço dos hebreus, o mais provável é que ele os estava perseguindo, por terem fugido, e não que ele tenha se arrependido de tê-los deixado sair, como está narrado num dos textos bíblicos.

Temos que: “Fontes arqueológicas e históricas independentes relatam a imigração de semitas de Canaã para o Egito, e os egípcios expulsando-os com o uso da força” (FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 86), entretanto, tratam-se dos hicsos, tendo tal fato acontecido por volta de 1570 a.C.

Em *História dos Hebreus*, obra do historiador Flávio Josefo, encontramos a informação de que os hicsos saíram do Egito após um acordo com Temosis:

[...] Temosis, filho de Alisfragmoutofis, foi atacá-los com quatrocentos e oitenta mil homens, mas perdendo a esperança de vencê-los, fez com eles um acordo, isto é, que eles saíssem do Egito para se retirarem onde quisessem, sem que se lhes fizesse algum mal; e seu número era de duzentos e quarenta mil; eles partiram com todos os seus bens, para fora do Egito, através do deserto da Síria e temendo os assírios que então dominavam em toda a Ásia eles se dirigiram para um país que hoje é chamado de Judeia, onde construíram uma cidade capaz de conter aquela grande multidão de povo e a chamaram de Jerusalém. (JOSEFO, 2003, p. 714).

Os que nasciam na Judeia eram, originalmente, designados de judeus e, posteriormente, após o cativeiro da Babilônia, passaram a ser chamados de hebreus (WIKIPÉDIA). E Josefo estabelece a relação direta entre os hicsos, povos pastores ou cativos, como sendo os seus antepassados (JOSEFO, 2003, p. 715).

O Êxodo pode ser situado em torno de 1440 a.C. (FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 86), o que nos coloca diante desta curiosa situação:

Mas não há pistas, nem mesmo uma única palavra, sobre antigos israelitas *no* Egito: nem nas inscrições monumentais nas paredes dos templos, nem nas inscrições em túmulos, nem em papiros. Israel inexistente como possível inimigo do Egito, como amigo ou como nação escravizada. E simplesmente não existem achados arqueológicos no Egito que possam estar associados de forma direta com a noção de um grupo étnico distinto (em oposição a uma concentração de trabalhadores migrantes de muitos lugares), vivendo numa área específica a leste do delta, como subentendido no relato bíblico sobre os filhos de Israel vivendo juntos na terra de Gessen (Gênesis 47,27). (FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 90). (grifo nosso).

Ou seja, temos o registro dos hicsos no Egito, fato que aconteceu antes da escravidão dos hebreus; e desses, como está afirmado, nada foi encontrado. Em Ex 12,40 se afirma que a estada dos filhos de Israel no Egito, na escravidão, durou quatrocentos e trinta anos, tempo muito longo para que não tenham deixado um só registro de sua permanência. Uma coisa é certa para os entendidos:

A conclusão – de que o Êxodo não aconteceu na época e da forma descrita na Bíblia – parece irrefutável quando examinamos a evidência de sítios específicos, onde os filhos de Israel supostamente acamparam por longos períodos, durante sua caminhada pelo deserto (Números 33), e onde alguma indicação arqueológica – se existente –, é quase certo, seria encontrada. (FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 94). (grifo nosso).

E quanto à fuga em si:

[...] não é razoável aceitar a ideia de fuga de um grande grupo de escravos do Egito, através de fronteiras vigiadas por guarnições militares, para o deserto e depois para Canaã, numa época com colossal presença egípcia na região. Qualquer grupo escapando do Egito contra vontade do Faraó teria sido rapidamente capturado, não apenas por um exército egípcio que o perseguiria desde o delta, mas também por soldados egípcios dos fortes no norte do Sinai e em Canaã.

De fato, a narrativa bíblica sugere o perigo da experiência de fugir pela estrada da costa. Assim, a única alternativa seria através das terras

desérticas e desoladas da península do Sinai; mas a possibilidade de um grande grupo de pessoas caminhando por essa península também é contestada pela arqueologia. (FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 91-92). (grifo nosso).

Por outro lado, na maioria das Bíblias consta, na passagem que citamos imediatamente acima, a expressão Mar Vermelho; entretanto, pela explicação dos tradutores da Bíblia de Jerusalém, a coisa não é bem assim:

A designação de "o mar dos Juncos", em hebraico *yam sūf*, é acréscimo. O texto primitivo dava apenas uma indicação geral: os israelitas tomaram o caminho do deserto para o leste ou o sudeste. – O sentido desta designação e localização do "mar de Suf" são incertos. Ele não é mencionado na narrativa de Ex 14, que fala apenas em "mar". O único texto que menciona o "mar de Suf" ou "mar dos Juncos" (segundo o egípcio como cenário do milagre é Ex 15,4, que é poético. (p. 121).

Então, o segundo problema é que o texto primitivo não falava em mar; nele foi acrescentada a expressão hebraica *yam sūf*, que também significava mar dos Juncos, conforme podemos ver na Bíblia Sagrada publicada pela Editora Vozes, cujos tradutores esclarecem: "*Mar Vermelho*: lit. 'mar dos Juncos'. A expressão designa tanto o atual Mar Vermelho, como também a região pantanosa e de lagunas, atravessada hoje pelo canal de Suez. É o cenário da passagem dos israelitas pelo 'Mar Vermelho' (13,18)". (p. 91).

Leiamos a passagem bíblica que trata do assunto:

Ex 14,1-31: 1. Javé falou a Moisés: 2. "Diga aos filhos de Israel que voltem e acampem em Piailot, entre Magdol e o mar, diante de Baal Sefon; aí vocês acamparão, junto ao mar. 3. O Faraó irá pensar que os filhos de Israel andam errantes pelo país e que o deserto os bloqueou... 5. Quando comunicaram ao rei do Egito que o povo tinha fugido, o Faraó e seus ministros mudaram de opinião sobre o povo e disseram: "O que é que nós fizemos? Deixamos partir nossos escravos israelitas!" 6. O Faraó mandou aprontar seu carro e levou consigo suas tropas: 7. seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito, com oficiais sobre todos eles... 9. Perseguindo com todos os cavalos e carros do Faraó, os cavaleiros e o exército os alcançaram quando estavam acampados junto ao mar, em Piailot, diante de Baal Sefon. 10. Quando o Faraó se aproximou, os filhos de Israel levantaram os olhos e viram que os egípcios avançavam atrás deles. Cheios de medo, clamaram a Javé,... 15. Javé disse a Moisés: "Por que você está clamando por mim? Diga aos filhos de Israel que avancem. 16. Quanto a você, erga a vara, estenda a mão sobre o mar e divida-o pelo meio para que os filhos de Israel possam atravessá-lo a pé enxuto... 21. Moisés estendeu a mão sobre o mar, e Javé fez o mar se retirar com um forte vento oriental, que soprou a noite inteira: o mar ficou seco e as águas se dividiram em duas. 22. Os filhos de Israel entraram pelo mar a pé enxuto, e as águas formavam duas muralhas, à direita e à esquerda. 23. Na perseguição, os egípcios entraram atrás deles com todos os cavalos do Faraó, seus carros e cavaleiros, e foram até o meio do mar... 26. Javé disse a Moisés: "Estenda a mão sobre o mar, e as águas se voltarão contra os egípcios, seus carros e cavaleiros". 27. Moisés estendeu a mão sobre o mar. E, de manhã, este voltou para o seu leito. Os egípcios, ao fugir, foram ao encontro do mar, e Javé atirou-os no meio do mar. 28. As águas voltaram, cobrindo os carros e os cavaleiros de todo o exército do Faraó, que os haviam seguido no mar: nem um só deles escapou..."

Sobre essa passagem, explicam-nos, os tradutores da Bíblia Edição Vozes:

A descrição da passagem pelo Mar Vermelho corresponde a um fenômeno de ordem natural, como o sugere a menção do "vento forte" (v. 21) que põe o mar, isto é, uma região pantanosa, em seco. Tal fenômeno foi providencial para salvar os israelitas (v. 24) e fazer perecer os egípcios (v. 27): de madrugada as condições climáticas foram favoráveis à passagem segura dos

israelitas; de manhã mudaram bruscamente e os egípcios pereceram. Nisto Israel viu a mão providencial de Deus (v. 31), expressa pela nuvem e pelo fogo (13,21), pelas águas que formam alas para os israelitas passarem (14,22) e pela vara milagrosa de Moisés (v. 16.21.26). [...] (p. 97). (grifo nosso).

Aqui o fenômeno da passagem é localizado numa região pantanosa e tido como de ordem natural. Quem não conhece o movimento das marés poderá até achar um milagre que a água do mar, em alguns casos, se recue consideravelmente da praia, de forma que onde havia água se possa andar a pé-enxuto.

Outro ponto que julgamos importante é que o texto afirma que “nem um só deles escapou”, o que nos coloca diante do fato de que não há nenhum registro histórico que o Faraó, que governava o Egito na época, seja ela qual for, tenha morrido afogado.

Quase ao final do slide, foi dito: “A Bíblia registra a reação de (sic) Faraó quando lhe informaram que haviam desviado do caminho, (Êxodo 14:3), *'Estão vagueando em confusão pelo país. O ermo os encerrou'*”, entretanto, pelo texto bíblico o que temos é uma parte da fala de Jeová a Moisés: *“Faraó certamente dirá então com respeito aos filhos de Israel: 'Estão vagueando em confusão pelo país. O ermo os encerrou'”* (Novo Mundo), ou seja, é um fato completamente diferente daquilo que querem passar, pois não é a reação do Faraó, mas, simplesmente, uma presumível reação deste na suposição de Jeová, conforme se vê de Sua fala a Moisés.

Slide 3:

Tradicionalmente crê-se que a travessia do Mar Vermelho ocorreu no Golfo de Suez. Não obstante, ali não há montanhas. A área é totalmente plana, e não concorda com a descrição bíblica. O Golfo de Suez converteu-se em um lugar muito popular porque tradicionalmente acredita-se que o Monte Sinai está na península do Sinai. Outra vez a Bíblia nos diz algo diferente, (Gálatas 4:25), “O Monte Sinai, na ARÁBIA”. Depois de várias milhas Wadi Watir desemboca em uma área grande de praia, na costa ocidental do Golfo de Aquaba. A única área de praia ao largo do Golfo de Aquaba, devia ter sido suficientemente grande para acomodar aproximadamente a dois milhões de pessoas e a seus rebanhos. Os Israelitas foram prevenidos de viajar ao norte por causa da presença de uma fortaleza militar egípcia. De fato, ao norte onde Wadi Watir desemboca encontramos uma fortaleza antiga, poderia ser este o lugar mencionado na Bíblia como, Migdol, (Êxodo 14:2). Ao sul, as montanhas se estendem para baixo em direção ao mar, prevenindo assim qualquer outro passo a mais. Certamente não podiam voltar e regressar sobre seus passos pois o exército Egípcio os perseguia. Deus os havia levado a uma ponta onde somente Ele podia livrá-los, *“Não tenhais medo. Mantende-vos firmes e vede a salvação da parte de Jeová, que ele realizará hoje para vós. Pois os egípcios que hoje deveras vedes, nunca mais vereis, não, nunca mais ... E Jeová começou a fazer o mar retroceder por meio dum forte vento oriental, durante toda a noite, e a converter o leito do mar em solo seco, e as águas foram partidas. Por fim, os filhos de Israel passaram pelo meio do mar em terra seca, enquanto as águas eram para eles como muralha à sua direita e à sua esquerda.”* (Êxodo 14:13, 21, 22).

Vejamos como encontramos o passo Gl 4,24-25, na versão de vários tradutores bíblicos:

Pastoral: *“Simbolicamente isso quer dizer o seguinte: as duas mulheres representam as duas alianças. Uma, a do monte Sinai, gera para a escravidão e é representada por Agar (pois o monte Sinai está na Arábia, que é o país de Agar). E Agar corresponde à Jerusalém atual, que é escrava junto com seus filhos”.*

Vozes: *“Nestes fatos há uma alegoria. Estas duas mulheres representam as duas alianças: uma, que procede do monte Sinai, gera para a servidão. Esta é Agar. O monte Sinai se encontra na Arábia e corresponde à Jerusalém atual, que é escrava com seus filhos”.*

Paulus (BJ): *“Isto foi dito em alegoria. Elas, com efeito, são as duas alianças; uma, a*

do monte Sinai, gerando para a escravidão: é Agar (porque o Sinai está na Arábia), e ela corresponde à Jerusalém de agora, que de fato é escrava com seus filhos”.

Mundo Cristão: *“Estas cousas são alegóricas: porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Hagar. Ora, Hagar é o monte Sinai na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual que está em escravidão com seus filhos”.*

Vida Nova/SBB: *“Estas coisas são alegóricas; porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Agar. Ora, Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos”.*

SBB: *“O que se entende por alegoria: porque estes são os dois concertos: um, do monte Sinai, gerando filhos para a servidão, que é Agar. Ora, esta Agar é Sinai, um monte da Arábia, que corresponde à Jerusalém que agora existe, pois é escrava com seus filhos”.*

SBTB: *“ que se entende por alegoria; porque estas são duas alianças; uma do monte Sinai, gerando filhos para a servidão, que é agar. Ora, esta Agar é Sinai, um monte da Arábia, que corresponde à Jerusalém que agora existe, pois é escrava com seus filhos”.*

Paulus (BP): *“Trata-se de uma alegoria que representa duas alianças. Uma procede do monte Sinai e gera escravos: é Agar. Sinai é uma montanha da Arábia que corresponde à Jerusalém atual, que vive com seus filhos em escravidão”.*

Ave Maria: *“Nestes fatos há uma alegoria, visto que aquelas mulheres representam as duas alianças: uma, a do monte Sinai, que gera para a escravidão: é Agar. (O monte Sinai está na Arábia). Corresponde à Jerusalém atual, que é escrava com os seus filhos”.*

Paulinas: *“Estas coisas foram ditas por alegoria, porque estas (duas mães) são os dois testamentos. Um do monte Sinai, que gera para a escravidão: Agar, porque o Sinai é um monte da Arábia, o qual corresponde à Jerusalém daqui debaixo, a qual é escrava com seus filhos”.*

Santuário: *“Isto foi dito por alegoria, pois as duas mulheres representam as duas alianças: uma, a do monte Sinai, que gera filhos para a escravidão, é Agar. Ora, o Sinai é um monte da Arábia e corresponde a Jerusalém atual, que é escrava com seus filhos”.*

Novo Mundo: *“Estas coisas são como que um drama simbólico; pois estas [mulheres] significam dois pactos, um do monte Sinai, que dá à luz filhos para a escravidão e que é Agar. Ora, esta Agar significa o Sinai, um monte na Arábia, e ela corresponde à Jerusalém atual, pois está em escravidão com os seus filhos”.*

Barsa: *“as quais coisas foram ditas por alegoria. Porque estes são os dois Testamentos. Um certamente no monte Sinai, que gera para servidão; este é figurado em Agar. Porque o Sinai é um monte da Arábia, que representa a Jerusalém, que é cá debaixo, e que é escrava com seus filhos”.*

Champlin: *“O que se entende por alegoria: pois essas mulheres são dois pactos; um do monte Sinai, que dá à luz filhos para a servidão, e que é Agar. Ora, esta Agar é o monte Sinai na Arábia e corresponde à Jerusalém atual, pois é escrava com seus filhos”.*

Observa-se que variadas são as traduções; talvez isso possa ser explicado tomando-se o que Champlin diz sobre as variantes textuais para Gl 4,25. Leiamos:

Um bom número de variações assinala o começo deste versículo. As palavras “...Pois esta Hagar é...” aparecem na maioria dos manuscritos posteriores da tradição bizantina, como também podem ser encontradas na tradição siríaca. Já

os mss Aleph, CG, as versões latinas e os escritos de Orígenes omitem a palavra "...Hagar...", embora a palavra "...Ora..." seja ali preservada. Já o antigo ms P(46), como os escritos de Ambrosiaster, pai da igreja, e a tradição saídica, omitem tanto "Ora" quanto "Hagar", retendo apenas o termo grego "de", que talvez possa ser melhor traduzida pela cópula "e". De acordo com esses manuscritos, pois, a palavra "Hagar" fica subentendida com base no vigésimo quarto versículo, e o trecho diria: "...e (Hagar) é Sinai..." Todavia, o texto mais correto, no original grego, para ser "...to de Agar..." (ou seja, "...e Hagar..."), conforme se vê nos mss ABD e no Si(hmg). Parece que a palavra "Hagar" foi deixada em branco por acidente, ou talvez tenha sido omitida propositadamente, devido à sua presença na sentença anterior (versículo vinte e quatro). É interessante que o ms Aleph acrescenta o vocábulo grego "on" ("o qual"), dando em resultado: "...e esta é Sinai, a qual é um monte da Arábia..." No entanto, a palavra "...Sinai..." é omitida pelo ms latino d; mas, visto que esse manuscrito é o único que faz isso, não representa autoridade alguma. (CHAMPLIN, 2005, p. 493).

Custamos, mas parece-nos que conseguimos desenrolar esse novelo. A principal informação que temos para isso foi obtida nesta explicação, em nota de rodapé: "*O Sinai na Arábia*: os árabes são tidos como descendentes de Agar. Isso sugere que a aliança no Sinai gerava a escravatura". (Bíblia Sagrada – Ave Maria, p. 1496). Então temos que a coisa é simbólica, ou seja, estava falando dos árabes e não que o monte Sinai é na Arábia, como entendeu Wyatt, e, certamente, muitos tradutores bíblicos, que dessa forma levam ao erro os seus leitores. Observe que algumas das traduções que citamos trazem essa ideia: Mundo Cristão, Vida Nova e SBB e Champlin, cujo texto é: "... Agar é o monte Sinai na Arábia". A expressão monte Sinai entra no texto significando a lei de Moisés, o antigo pacto, que escravizava as pessoas e Agar sendo escrava e "mãe" dos árabes passou a representar esse pacto, que é atribuído à cidade de Jerusalém escravizada pelos romanos.

Para fugir do que geralmente os fanáticos fazem, é necessário entendermos o texto dentro do seu contexto, pois, à maioria das vezes, o isolamento nos conduz a uma ideia equivocada daquilo que o autor quer dizer. Leiamos, então:

Gl 4,21-31: *Dizei-me vós, os que quereis estar sob a lei: acaso, não ouvís a lei? Pois está escrito que Abrão teve dois filhos, um da mulher escrava e outro da livre. Mas o da escrava nasceu segundo a carne; o da livre, mediante a promessa. Estas coisas são alegóricas; porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Agar. Ora, Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos. Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe; porque está escrito: Alegra-te, ó estéril, que não dás à luz, exulta e clama, tu que não estás de parto; porque são mais numerosos os filhos da abandonada que os da que tem marido. Vós, porém, irmãos, sois filhos da promessa, como Isaque. Como, porém, outrora, o que nascera segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito, assim também agora. Contudo, que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava será herdeiro com o filho livre. E, assim, irmãos, somos filhos não da escrava, e sim da livre.*

Portanto, no texto, a expressão "monte Sinai" significa mesmo a Lei antiga, a que, segundo o pensamento de Paulo, escravizava. Podemos, para maior esclarecimento, colocar o que encontramos em algumas Bíblias sobre o assunto:

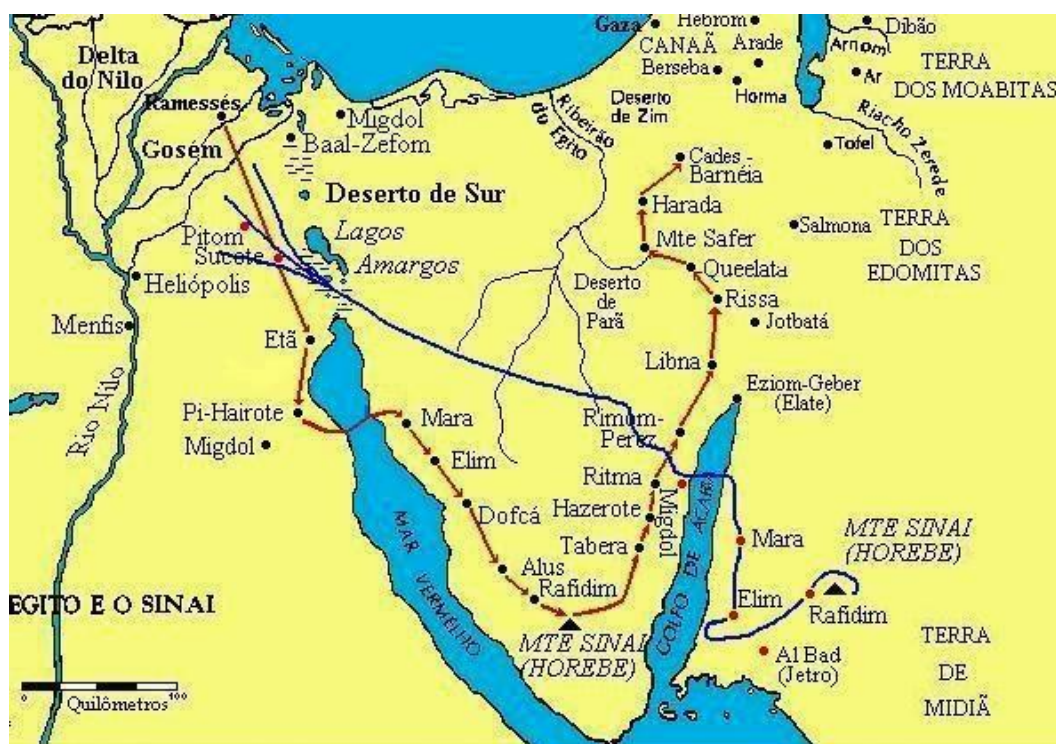
Bíblia Shedd: O quarto argumento, montado sobre uma transposição "alegórica" de textos bíblicos, é quase desconcertante para nós, embora fosse válido para intérpretes da Lei da sua época. Ponto de partida é o relato sobre os filhos de Abraão (segundo Gn 16 e 22). O comentarista explora as oposições e relações. Sara, esposa legítima e livre, estéril, milagrosamente dá à luz um filho livre, Isaac. Agar, concubina escrava, dá à luz um filho escravo, Ismael, que é excluído da herança e expulso. Paulo sobrepõe às figuras femininas de Agar e Sara a personificação clássica de Jerusalém como matriarca e esposa de Deus. Só que distingue uma Jerusalém empírica, submetida à escravidão (ou vassalagem política?) e uma Jerusalém transcendente, celeste, destinatária da

promessa de Is 54,1-3. (p. 2798).

Bíblia Vozes: As histórias de Agar e Sara (cf. Gn 16,1-16; 21,8-21) servem para Paulo fazer uma alegoria sobre a Antiga e a Nova Aliança. Os filhos de Abraão nascidos de Agar, “segundo a carne”, são todos escravos e simbolizam os que estão sob a Lei. Os nascidos de Sara, “segundo a promessa”, são filhos livres como os nascidos do Espírito pela fé em Jesus. (p. 1383).

Bíblia Peregrino: Uma alegoria (v. 24) significa mais do que uma ilustração. Como um tipo, refere-se às verdades espirituais escondidas nos acontecimentos e personagens históricos. A velha aliança da lei e a circuncisão não passam de escravidão (tipificada por Agar e Ismael); enquanto a nova aliança da promessa (tipificada por Sara e Isaque) liberta e garante a herança da nova Jerusalém, isto é, o Céu, onde Cristo já reina em poder. (p. 1651).

Visando definir a localização do monte Sinai, vamos, novamente, recorrer ao historiador Josefo que afirmou que: “... Moisés tendo subido ao monte Sinai, que está entre o Egito e a Arábia, lá ficou oculto durante quarenta dias e depois de ter descido, deu aos judeus as leis que eles ainda observam” (JOSEFO, 2003, p. 727). Assim, temos que “estar entre o Egito e a Arábia” não é localizar na Arábia o monte Sinai, como quer Wyatt para manter a passagem do Mar Vermelho como fato real. Aliás, existe um adágio popular que diz “quem tem um cobertor curto: se cobre a cabeça, descobre os pés; se cobre os pés, descobre a cabeça”. Essa é a síndrome de Wyatt, que, querendo autenticar o milagre do Mar Vermelho, derruba toda a rota do êxodo até o monte Sinai, que é traçada na própria Bíblia; a consequência é que nesse ponto a narrativa deixa de ser verdadeira. Para facilitar vejamos o mapa “Egito e o Sinai”:



<http://www.igreja.essencial.nom.br/sinai0.jpg>

A rota tradicional está em vermelho (embora seja um pouco diferente, quanto ao início e o local da passagem, com outros mapas), enquanto que a da versão Wyatt está em azul. Pela narrativa bíblica temos: Ramsés (Ex 12,37) e Sucot (Ex 13,20), pontos iniciais; Etã, à beira do deserto (Ex 13,20); voltaram a Piailot, entre Migdol e o mar, diante de Baal Sefon (Ex 14,2), local onde o Faraó, com seu exército, alcançou os hebreus (Ex 14,9), que é também o lugar da ocorrência da passagem pelo “Mar Vermelho”, que, na verdade, é mar dos Juncos; deserto de Sur (Ex 15,22); Marã (Ex 15,23); Elim (Ex 15,27); deserto de Sin, entre o Elim e o Sinai (Ex 16,1), até este ponto foram gastos 45 dias de caminhada; Rafidim (Ex 17,1) e Sinai (Ex 19,1), ponto ao qual queremos chegar. Os nomes aqui constantes estão grafados conforme a versão da Bíblia de Jerusalém.

Para sustentar sua tese Wyatt altera a posição de alguns locais como: Migdol, Mara, Elim, Rafidim e o Sinai, fazendo os hebreus assumirem uma rota na qual o percurso é quase todo em região de desertos, ou seja, tira-os de uma rota mais próxima da orla marítima, onde, certamente, seria menos inóspita a caminhada.

Uma outra questão, não levada em conta por Wyatt, foi o tempo que se gastou para que os hebreus chegassem ao Mar Vermelho, considerando-se dois fatores importantíssimos: o primeiro, em relação ao total de pessoas envolvidas na caminhada; pela narrativa bíblica temos 600.000 homens a pé, sem contar as crianças (Ex 12,37); disso estimam que eram por volta de 2.000.000 de pessoas, o que, seguramente, tornava a caminhada bem lenta, facilitando os egípcios alcançá-los logo após a saída do Egito; o segundo é que o Faraó, imediatamente, saiu em perseguição alcançando-os próximo ao Mar Vermelho (Ex 14,9); calculamos algo próximo de uns 100 km do ponto de saída, enquanto que, na teoria de Wyatt, esse percurso chegaria a cerca de 270 km, no qual, estimamos, gastariam uns 45 dias para se percorrer, enquanto, pelo texto bíblico, esse tempo foi gasto para se chegar ao monte Sinai; é longo demais para que não fossem alcançados pelo Faraó e seu exército, levando-se em conta o outro trajeto para se chegar a essa nova localização do Mar Vermelho.

Tudo isso nos leva a crer, caso sejam verdadeiros os fatos constantes da narração bíblica, que a rota é a tradicional mesmo, pois na de Wyatt percebemos que ele força as coisas para se chegar a uma idéia pré-determinada. Para corroborar a nossa dedução, trazemos a opinião de R.N. Champlin, grau B.A. em Literatura Bíblica no *Immanuel College*, os graus M.A. e Ph.D. em Línguas Clássicas na *University of Utah* e estudos de especialização (no nível de pós-graduação) no Novo Testamento na *University of Chicago* e J. M. Bentes, tradutor e autodidata de estudos bíblicos:

As águas do êxodo. A comparação entre Êxodo 14 e 15:22, observando-se o paralelismo poético em 15:4, deixa claro que o "mar" atravessado pelos hebreus em Êxodo 14 era o "mar dos juncos", que corresponde ao egípcio "alagadiços de papiros", particularmente no nordeste do delta do Nilo. (CHAMPLIN e BENTES, 1995, p. 116).

Fora essa opinião, vemos que em quase todas as Bíblias seus tradutores comungam com essa ideia desses dois estudiosos.

Slide 4:

Ron encontrou uma coluna derrubada sobre a costa. No lado Saudita encontrou outra exatamente igual com uma inscrição em hebraico antigo que diz, "MIZRAIM (Egito), SALOMÃO, EDOM, MORTE, FARAÓ, MOISÉS, YAHWEH." Ele crê que foram erigidas por Salomão para comemorar A travessia do Mar Vermelho. As inscrições sobre a coluna que foi encontrada derrubada na costa haviam sido erosionadas. As autoridades firmaram-nas dentro de concreto.

As colunas citadas foram encontradas: a do lado egípcio (Nuweiba) em 1978 e em 1984 a do lado árabe (Midiã) (1). Estimamos, pelas fotos, que cada uma delas tenha cerca de 4,10 m de altura e 0,70 m de diâmetro, o que nos leva a questionar: será que um artefato desse tamanho, e a céu aberto (é o que se mostra nas fotos) não foi visto por nenhum outro arqueólogo antes das datas mencionadas? Foi feito algum tipo de comprovação científica, para se atestar se são verdadeiras, quanto à construção, arte e escrita?

Slide 5:

Mergulhando no fundo do mar, em 1978, Ron Wyatt e seus dois filhos encontraram e fotografaram numerosas peças de carruagens incrustados de coral. Desde então, várias incursões de mergulho tem revelado mais e mais evidência. Um de seus achados incluiu uma roda de carruagem de oito raios, a qual levou Ron ao diretor de antiguidades Egípcias, o Dr. Nassif Mohammed Hassan. Depois de examina-lo imediatamente disse que pertenceu à décima oitava dinastia, datando o êxodo no ano 1446 A.E.C. Quando lhe perguntaram como sabia, o Dr. Hassan explicou que a roda de oito raios foi utilizada

1 <http://www.mucheroni.hpg.com.br/religiao/96/arqueologia/exodo1.htm>

unicamente durante este período, a época de Ramses II e Tutmoses (Moisés). Caixas de carruagens, esqueletos humanos, esqueletos de cavalos, rodas com quatro, seis e oito raios, tudo permanece como um testemunho, como um testemunho silencioso ao milagre da divisão do Mar Vermelho.

O texto bíblico narra que o Faraó levou consigo “seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito, com oficiais sobre todos eles” (Ex 14,7); então o lógico seria de se esperar, caso tenham morrido afogados pela volta das águas ao estado normal, era que achassem boa parte dos carros – observe, caro leitor, que se diz “todos os carros” -, das ossadas dos cavalos que puxavam esses carros, e, obviamente, das de seus condutores para que se possa definitivamente relacioná-los aos egípcios, tomando-se como base critérios estritamente científicos e não religiosos. E apresentamos uma nova questão: por que não há registro disso na história dos egípcios?

Finkelstein e Silberman, autores já mencionados, nos informam que:

[...] A identificação de Ramsés II como o Faraó do Êxodo resulta de suposições eruditas modernas, baseadas na identificação do nome do lugar Pi-Ramsés com Ramsés (Êxodo 1,11; 12,37). Mas existem alguns elos indiscutíveis com o século VII a.C. Além da vaga referência ao medo dos israelitas de seguir pela estrada da costa, não há menção dos fortes egípcios ao norte do Sinai ou das suas guarnições em Canaã. A Bíblia pode refletir a realidade do Novo Império, mas também pode refletir as condições posteriores na Idade do Ferro, mais próximas da época em que a narrativa do Êxodo foi escrita. (FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 97-98). (grifo nosso).

A nosso ver, merece mais crédito a opinião desses dois estudiosos que a de Wyatt. Mas quem quiser pensar o contrário, é livre para isso.

Slide 8:

Possivelmente o mais assombroso de tudo, é a presença de uma *ponte natural abaixo da água*. Ao largo do Golfo de Aquaba, as profundidades alcançam cerca de 5.000 pés e a costa Egípcia vai descendo a essa profundidade em um declive de cerca de 45 graus. Se os Israelitas tivessem tentado cruzar em qualquer outro lugar ao largo do Golfo de Aquaba teriam que enfrentar uma ladeira muito inclinada de aproximadamente 5.000 pés. Com todos seus animais e carros, a tarefa seria praticamente impossível. Somente aqui, nas margens de Nuweiba, há um "caminho" descendente em um degrau gradual de 6 graus, a uma profundidade de somente 100 metros. A Bíblia a descreve como, “*Aquele que faz um caminho através do próprio mar e uma senda mesmo através de fortes águas.*” (Isaías 43:16, 17) A distância de Nuweiba a Arábia Saudita é de cerca de oito milhas. E a largura da ponte natural abaixo da água, estima-se que é de 900 metros.

O fato de existir uma “ponte natural debaixo d’água” não quer dizer muita coisa, pois ainda restaria a necessidade de se fazer um milagre para que ela pudesse dar passagem aos hebreus; além disso, há que se ter mais sólidas evidências de que os hebreus passaram mesmo por lá. Apelar para milagres é uma coisa pouco científica; portanto, somente o fato de se crer nele não faz disso uma realidade, muito menos uma prova científica.

A descrição de Isaías (43,16-17) se refere a Jeová e não a um caminho, sobre o qual se procurava localizá-lo em alguma região específica.

Slide 9:

Aarón Sen mergulhou em numerosas ocasiões neste lugar, e pôde atestar a veracidade do descobrimento. Em março de 1998, fotografou os restos de uma roda de carruagem de quatro raios, e retirou ossos humanos dos quais há “dúzias” dispersadas no leito do mar. Um osso foi levado ao departamento de Osteologia na Universidade de Estocolmo, para ser analisado, demonstrando que se trata de um fêmur direito humano, masculino. Porém não pôde ser datado, evidentemente procede de épocas antigas. A altura do homem se estima que era dentre 1,65 e 1,70cm, e os ossos haviam sido substituídos por minerais.

Pequenas quantidades de coral cresceram sobre eles substituindo ao mineral. Aarón viu a ladeira ao sul da ponte natural abaixo da água. Também viu um caminho que os israelitas haviam limpado para cruzar o Mar Vermelho, conduzindo desde a margem, descendo dentro do mar. Os israelitas tiveram que apartar as pedras e rochas aos lados para permitir o acesso para seus carros.

Conforme já citamos anteriormente, a quantidade de carros, cavalos e homens que acompanhavam o Faraó, e que presumidamente foram “enterrados” pelas águas do Mar Vermelho, deve ser levada em conta para se ter dados suficientes a fim de se atestar se são mesmo de egípcios. Observe a informação de que não se conseguiu “datar”, em análise laboratorial, um dos ossos encontrados e encaminhado à análise laboratorial.

Para se ter uma boa ideia do fanatismo de Wyatt, vejamos a lista completa do que se diz ter ele descoberto ⁽²⁾:

- a verdadeira Arca de Noé (o sítio Durupinar, perto, mas não no Monte Ararat);
- âncoras de Pedra (ou saco de pedras?) usadas por Noé na Arca;
- a casa pós-dilúvio e tumbas usadas por Noé e sua esposa;
- a localização de Sodoma e Gomorra;
- a Torre de Babel na Turquia Central;
- bolas de enxofre da queima de Sodoma e Gomorra;
- o lugar da travessia do Mar Vermelho pelos Israelitas (que Wyatt localizou no Golfo of Aqaba);
- rodas das carruagens e outras relíquias do exército perseguidor do Faraó no fundo do mar;
- o verdadeiro lugar do Monte Sinai bíblico (localizado por Wyatt na Arabia Saudita em Jabal al Lawz);
- uma câmara no final de um labirinto de túneis sob Jerusalém contendo artefatos do Templo de Salomão;
- a Arca da Aliança;
- as pedras originais dos Dez Mandamentos;
- o verdadeiro lugar da Crucificação;
- o sangue de Jesus, respingado sobre o Propiciatório da Arca da Aliança, diretamente abaixo da Crucificação;

Com uma lista de feitos dessa ordem, como ele não é citado, por exemplo, pelos autores: Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman (*A Bíblia não tinha razão*); Werner Keller (*e a Bíblia tinha razão...*) e Robin Lane Fox (*Bíblia: verdade e ficção*)?

Interessante é que, fora o que citamos logo no início, temos textos sobre assuntos relacionados a essa lista de Wyatt: [“A arca de Noé”](#), [“E aconteceu no Sinai”](#), [“Sodoma e Gomorra”](#) e [“Torre de Babel: o carro na frente dos bois”](#).

O que percebemos nisso tudo é apenas um fundamentalismo exacerbado que torna as pessoas cegas para a verdade, preferindo acreditar somente no que está escrito na Bíblia, por mais absurdo que se apresente. Quando uma pessoa chega a esse ponto ela não enxerga o óbvio; seus olhos voltam-se apenas para aquilo em que acredita.

Para corroborar que esses fatos citados na Bíblia podem não ser tão verdadeiros assim, vamos encerrar citando mais essas opiniões:

No final do século XX, a arqueologia havia mostrado, de maneira simples, que existiam muitas correspondências materiais entre os achados em Israel e em todo o Oriente Próximo e no mundo descrito na Bíblia, para sugerir que toda essa história seja apenas uma literatura sacerdotal posterior e fantasiosa, escrita sem qualquer base histórica. (FINKESLSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 36).

O Êxodo

Não há registro histórico da existência de Moisés ou dos fatos descritos no Êxodo. A libertação dos hebreus, escravizados por um faraó egípcio, foi incluída

² <http://www.nationmaster.com/encyclopedia/Ron-Wyatt>

na Torá provavelmente no século VII a.C., por obra dos escribas do Templo de Jerusalém, em uma reforma social e religiosa. Para combater o politeísmo e o culto de imagens, que cresciam entre os judeus, os rabinos inventaram um novo código de leis e histórias de patriarcas heroicos que recebiam ensinamentos diretamente de Jeová. Tais invenções acabaram batizadas de “ideologia deuteronômica”, porque estão mais evidentes no livro Deuteronômio. A prova de que esses textos são lendas estaria nas inúmeras incongruências culturais e geográficas entre o texto e a realidade. Muitos reinos e locais citados na jornada de Moisés pelo deserto não existiam no século XIII a.C., quando o Êxodo teria ocorrido. Esses locais só viriam a existir 500 anos depois, justamente no período dos escribas deuteronômicos. Também não havia um local chamado Monte Sinai, onde Moisés teria recebido os Dez Mandamentos. Sua localização atual, no Egito, foi escolhida entre os séculos IV e VI d.C., por monges cristãos bizantinos, porque ele oferecia uma bela vista. [...] (ROMANINI, 2002, p. 43).

Sabemos que estudos como esse, que estamos apresentando, causam indignação a certas pessoas; entretanto, pelo fato de estarmos em busca da verdade, pouco nos importa se esses fundamentalistas ainda insistem em pensar de outra forma. Que Deus tenha pena de suas almas!

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Out/2008

Referências bibliográficas:

- A Bíblia Anotada. 8ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
 Bíblia de Jerusalém, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia do Peregrino. s/ed. São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia Sagrada, 37a. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.
 Bíblia Sagrada, 5ª ed. Aparecida-SP: Santuário, 1984.
 Bíblia Sagrada, 8ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.
 Bíblia Sagrada, Edição Barsa. s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
 Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.
 Bíblia Sagrada, s/ed. Brasília – DF: Sociedade Bíblica do Brasil 1969.
 Bíblia Sagrada. 68ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1989.
 Bíblia Shedd, 2ª ed. São Paulo: Vida nova e Baueri, SP: SBB, 2005.
 Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
 CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo, vol. 4*. São Paulo: Hagnos, 2005.
 CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, vol. 4*, São Paulo: 1995.
 FINKELSTEIN, I e SILBERMAN, N. A. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa, 2003.
 JOSEFO, F. *História dos Hebreus – obra completa*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
 ROMANINI, V. A Bíblia passada a limpo. In: *Superinteressante*, edição 178, São Paulo: Abril, julho 2002, p. 40-50.

Internet

- WIKIPÉDIA, http://pt.wikipedia.org/wiki/Ron_Wyatt, acesso em 28.10.2008, às 14:15hs.
 WIDIPÉDIA, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Judeus>, acesso em 28.10.2008, às 15:35hs.
<http://www.mucheroni.hpg.com.br/religiao/96/arqueologia/exodo1.htm>, acesso em 30.10.2008, às 10:48hs.
http://www.adventistas.com/agosto2003/arca_concerto.htm, acesso em 29.10.2008, às 16:01hs.
<Http://www.igreja.essencial.nom.br/sinai0.jpg>, acesso em 30.10.2008, às 9:18hs.
<http://www.nationmaster.com/encyclopedia/Ron-Wyatt>, acesso em 30.10.2008, às 16:16hs.